

PATRICIA AUERBACH

Histórias *de* ANTIGAMENTE



Companhia das Letrinhas

Copyright do texto e das ilustrações © 2016 by Patricia Auerbach

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Revisão

LUCIANA BARALDI

ARLETE SOUSA

Projeto gráfico/ Lettering

VANESSA KINOSHITA

Tratamento de imagem

M GALLEGO • STUDIO DE ARTES GRÁFICAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Auerbach, Patricia

Histórias de antigamente / Patricia Auerbach; ilustrações da autora — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.

ISBN 978-85-7406-686-8

1. Contos — Literatura infantojuvenil.

I. Título.

15-06009

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura infantil 028.5

2. Contos: Literatura infantojuvenil 028.5

2016

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

Tel.: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletrinhas.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO, 7

SORVETE DE GELO, 8

A GELADEIRA ANTES DE ANTIGAMENTE, 20

OS PENICOS DA ESCOLA, 22

O BANHEIRO ANTES DE ANTIGAMENTE, 32

O CHEVETTE E A CHARRETE, 34

O CARRO ANTES DE ANTIGAMENTE, 46

— ALÔ, TELEFONISTA?, 48

O TELEFONE ANTES DE ANTIGAMENTE, 60

NÃO TOQUE NA TV!, 62

A TELEVISÃO ANTES DE ANTIGAMENTE, 74

Posfácio, 76

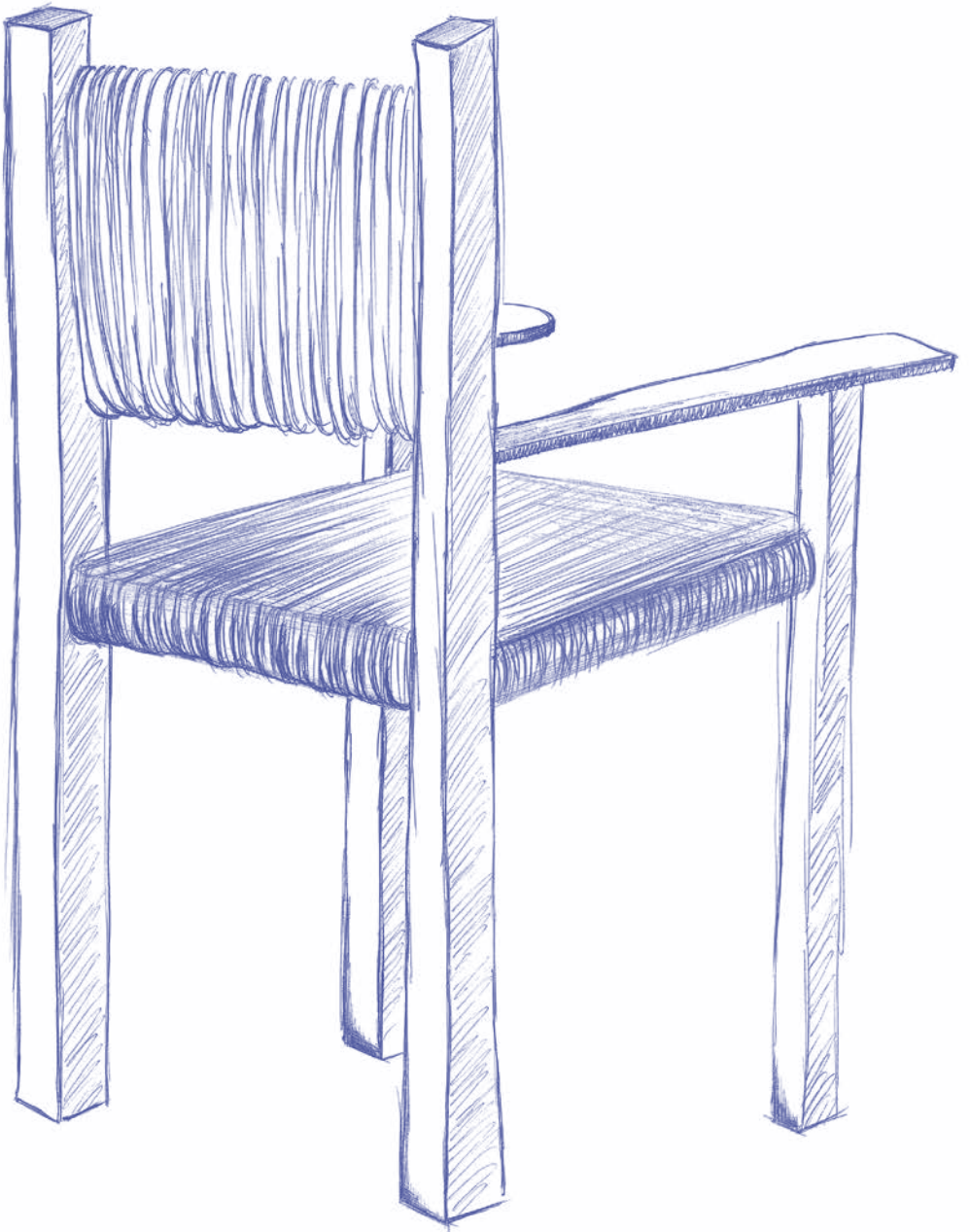
Sobre a autora e ilustradora, 78

SORVETE





de gels



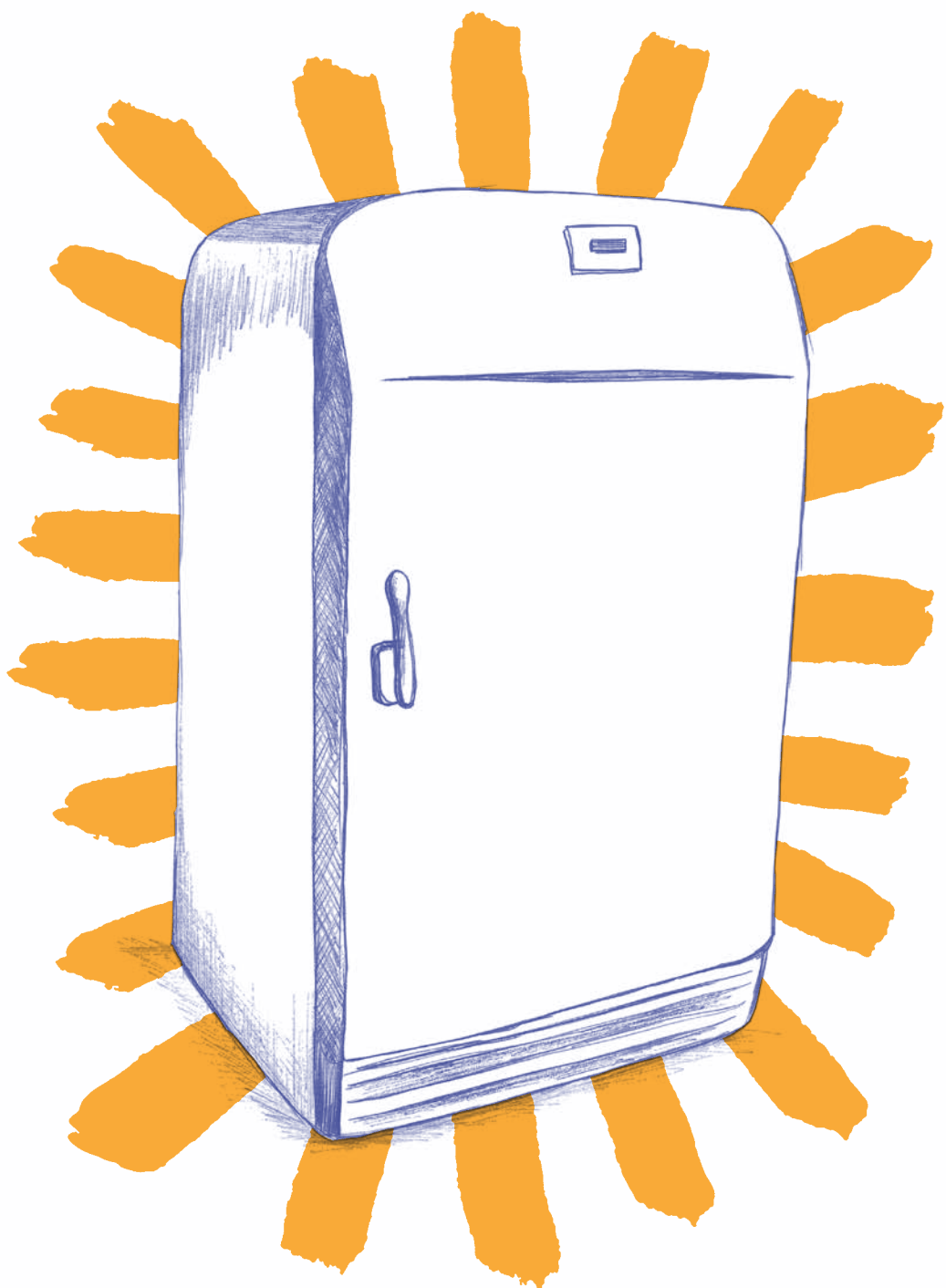
Férias para mim sempre

foram sinônimo de casa de vó. E casa de vó, como todo mundo sabe, quer dizer dormir mais tarde, comer bolinho de chuva e brincar o dia inteiro. Mas a casa da minha avó era um lugar ainda mais divertido, porque ficava na praia, de frente pro mar. Era um mar tranquilo, de água transparente. Da areia dava pra ver uma ilha, que eu imaginava ser o esconderijo de um pirata malvado ou de um príncipe encantado, dependia do meu humor.

Um dos lugares mais especiais daquela casa era a mesa em que a família se juntava pra fazer as refeições. Era uma mesa enorme, de madeira escura e com cadeiras tão pesadas que nem mesmo os adultos conseguiam levantar. Mas era ali que a gente conversava e foi ali que eu ouvi pela primeira vez o meu avô contar uma das histórias mais divertidas da infância dele.

Ele é um desses contadores de histórias que falam pausado, com muita calma, pra deixar tudo bem explicadinho. O que eu acho mais engraçado é que a minha avó (que é muito agitada e fala bem depressa) às vezes fica impaciente com o ritmo do vovô e se mete no meio da história pra contar rapidinho o que ele levaria um tempão pra falar. Quando isso acontece, ele resmunga um pouquinho, mas dá pra ver pelo olhar que ele até acha divertido o jeito dela de se meter na história e acelerar o final.

Em uma noite de verão, a família estava em volta da mesa e alguém comentou que a geladeira tinha quebrado. As



portas abertas da casa traziam o ventinho e o barulho do mar. Naquela hora, meu avô fez um daqueles comentários típicos de gente que já viveu bastante:

— Não reclama que até pouco tempo atrás a gente nem tinha geladeira!

Eu fiquei muito espantada com o que ele disse e perguntei:

— Como assim, vô?

— É verdade, minha querida — ele respondeu. — Quando eu tinha a sua idade, ninguém tinha geladeira em casa.

— Nossa, vô! E como vocês faziam pra conservar a comida?


Em vez de responder a minha pergunta ele deu um sorriso, daqueles que a gente dá quando pensa numa coisa bem gostosa, e só depois começou a falar. Ele contou que lá pelos seus nove ou dez anos, num final de semana muito quente, estava jogando bola na rua com os irmãos, quando a sua mãe apareceu na porta da casa e gritou:

— Meninos, vocês querem sorvete?

É claro que todos disseram que sim. Mas como naquela época ninguém tinha geladeira, muito menos congelador, só dava pra comer sorvete se alguém fosse até a cidade comprar gelo para misturar com suco de fruta. Era isso que eles chamavam de sorvete.

É claro que o escolhido para buscar o gelo naquele dia foi o vovô. E, antes que a mãe dele mudasse de ideia, ele foi até os fundos da casa, pegou sua bicicleta e pedalou rumo ao mercadinho da cidade o mais rápido que pôde. Ele estava com a boca seca, mas comprar uma bebida significaria comprar menos gelo para o sorvete, então deixou a sede de lado e entregou o dinheiro contadinho para o seu João, que deu pra ele um saco cheio de gelo. “Quanto sorvete!”, ele pensou.

Carregar aquele peso todo não era nada fácil, ainda mais em cima da bicicleta. Ele tinha medo de que o saco caísse e estourasse, esparramando todo o sonho de sorvete no chão.



Então segurou bem firme e pedalou como um foguete — afinal, com o calor do dia o gelo derreteria todinho se ele não chegasse rápido em casa.

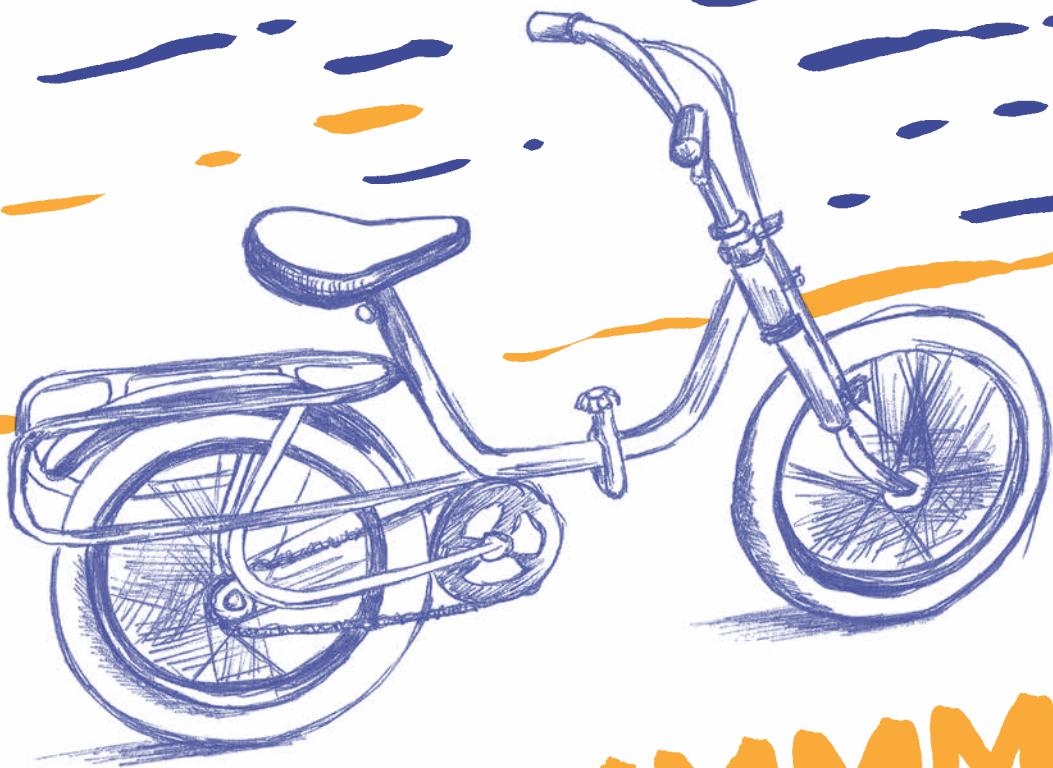
Logo que o viram, as outras crianças pararam de brincar e comemoraram sua chegada. O vovô contou que naquela hora se sentiu como um herói vitorioso chegando da guerra: suado, exausto e com uma deliciosa sensação de missão cumprida.

Entregou o pacote de gelo à mãe, que foi logo para a cozinha preparar o sorvete. Quando ficou pronto, ela começou a distribuir porções suculentas em pequenos potinhos coloridos de cerâmica. Cada vez que ela se aproximava, ele estufava o peito, certo de que aquela seria a sua vez de ganhar uma deliciosa recompensa por todo o seu esforço. Mas ela parecia querer deixar o vovô por último.

“O meu pote será o maior!”, ele imaginou. Afinal, nada mais justo pra alguém que tinha se empenhado tanto pra conseguir o sorvete. Só que as viagens à cozinha terminaram e a mãe dele se sentou no sofá. Sem entender o que estava acontecendo, vovô foi até ela e perguntou:

— Mãe, e o meu sorvete?

E sabe o que ela disse?



VUUUMMM
VUUUMMM

— Meu filho, você está muito suado e com o corpo quente demais. Sorvete agora não vai te fazer bem.

E assim, apesar de todo o trabalho, o vovô ficou sem sorvete naquele dia. Coisa de antigamente!

Quando ele terminou de contar a história eu não estava acreditando no que tinha acontecido. Aí ele disse uma coisa que eu nunca mais esqueci:

— Fiquei sem sorvete, mas ganhei uma bela história pra contar para os meus netos queridos!

Bem nessa hora, quando a história do sorvete de gelo tinha acabado, minha avó entrou pela sala com um pote de sorvete de verdade já começando a amolecer e disse sorrindo:

— Vamos lá, pessoal! Sorvete pra todo mundo! A geladeira quebrou e se não comermos hoje vai estragar!

E com aquelas lembranças gostosas, comemos felizes o pote inteiro de sorvete derretido que a vovó nos serviu.

ete sorvete so
orvete sorvete
ete sorvete
ete sorvete so
ete sorvete
orvete sorvete
orvete

A GELADEIRA ANTES DE ANTIGAMENTE

A fábula “A cigarra e a formiga” escrita por Esopo no século VI a.C. fala sobre o encontro entre uma cigarra que só queria saber de dançar e cantar pela floresta e uma formiga que passava o verão trabalhando e armazenando alimentos pra ter o que comer no inverno.

Essa formiga é uma personagem fictícia, mas poderia ser a descrição da vida dos homens na Pré-História. Naquela época, alimentar-se durante os meses de inverno era muito difícil. Em regiões muito frias, a vegetação ficava coberta por neve e caçar tornava-se ainda mais complicado, sobretudo porque não existiam revólveres, espingardas nem facões.

A conservação dos alimentos era muito precária, por isso carnes, peixes, frutas e legumes precisavam ser consumidos rapidamente. Na verdade, na Pré-História, nem a roda, que facilitaria tanto o transporte dos alimentos, tinha sido inventada ainda. Quem saía pra caçar precisava voltar pra casa carregando nas costas sua conquista, o que podia levar dias, dependendo do peso do animal abatido e da distância em que ele havia sido encontrado.

Uma das primeiras formas de aumentar o prazo de validade dos alimentos foi o sal. Na Idade Média já era muito comum cobrir peixes com uma camada grossa de sal para possibilitar o transporte e o consumo desse tipo de alimento em lugares afastados do litoral. Só que naquela época a extração do sal, além de ser um processo difícil, só podia ser feita em regiões costeiras. Como todo mundo precisava de sal para a alimentação, ele era vendido a preços altíssimos, chegando, inclusive, a valer como moeda. Vem daí a palavra “salário” que usamos até hoje para nos referir ao pagamento por serviços prestados.



Durante períodos de guerra, os soldados viajavam para lugares distantes onde o acesso à comida era difícil, por isso a conservação dos alimentos era muito importante. No século XVIII Napoleão Bonaparte decidiu oferecer um prêmio a quem inventasse uma forma de conservar os alimentos enquanto fossem transportados até os exércitos franceses que estavam distantes. O plano deu certo e o prêmio foi dado a um confeitoiro chamado Nicolas Appert, que descobriu uma forma de conservar os alimentos dentro de potes de vidro bem vedados que impediam a passagem do ar. A invenção deu origem a embalagens mais resistentes feitas de ferro estanhado, e em 1830 chegaram às lojas os primeiros alimentos enlatados!

Alguns anos se passaram e pouca coisa foi feita para estender a validade dos produtos perecíveis. Mas, em 1838, o médico americano John Gorrie, pensando em dar mais conforto a seus pacientes internados, pendurou sacos com gelo nas salas de um hospital para refrescar o ambiente. Como conseguir gelo naquela época era muito complicado, Gorrie apelou para seus conhecimentos de química e física e criou uma máquina a vapor que utilizava as propriedades térmicas da água e do sal para produzir gelo. Dessa forma, mesmo sem saber a importância do seu invento, o médico acabou criando de uma só vez o ar-condicionado e a geladeira.

O funcionamento da geladeira que conhecemos hoje é muito parecido com aquela inventada por John Gorrie no século XIX, a diferença é que, com o advento da eletricidade, as geladeiras passaram a funcionar movidas por um motor elétrico, e não mais a vapor como na primeira versão.